



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10201 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

A formação estética enquanto pulmão do mundo: docências da feitura de si  
Daniela da Cruz Schneider - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

### **A formação estética enquanto pulmão do mundo: docências da feitura de si**

Resumo: Este texto apresenta considerações acerca da noção de docência com feitura de si. Busca na arte modos, procedimentos e práticas que possibilitem a defesa de da docência enquanto gesto artístico. Opera a partir do preceito ético-estético do cuidado de si (FOUCAULT, 1984, 2014) como grade conceitual e poética, que convoca a pensar nos modos de trabalhar aquilo que nos chega, para atuar no e com o mundo. Defende, em última instância, que o cuidado de si como pressuposto ético da docência constitui-se como atitude política na constituição de si. O texto é uma carta: uma carta de intenções, endereçada a todes que compreendem – no cenário político atual do Brasil – a Amazônia como um modo de existência. Compromete-se em reafirmar as potências da formação estética docente e o papel do ensino da arte.

Palavras-chave: Arte/Educação; formação docente; cuidado de si; ética-estética

\*\*\*\*\* , 23 de junho de 2021.

505 mil mortes por covid-19.

Querida, querido, queride... Esta é uma carta para a Amazônia. Tu que me lês, não entendas que se trata aqui de um agenciamento geográfico. Essa carta não trata de longitude e latitude. Habita um espaço liso, se endereça a um modo de existência. Em um momento em que respirar tornou-se um privilégio, escrevo para todes que fazem da Amazônia um modo de [re]existência.

Não é da necessidade que surge uma obra de arte? Não é da urgência que surge uma investigação? Esta carta reúne 10 anos de docência, distribuídos entre educação básica e ensino superior. Faz emergir os efeitos do ensino remoto, na docência encarnada e no trabalho com formação de Arte/Educadores/as em contexto de pandemia. Mas, sobretudo, cultiva os tremores que se produziram em atividade de extensão, de formação continuada com docentes de artes visuais, que vêm trabalhando em ensino remoto. Não apresento essa experiência. Apenas registro aqui os seus efeitos e as proposições que posso fazer a partir deles. É de uma necessidade, então, que surge essa escrita. E, assim, enquanto carta, diz da educação estética docente, mas sem o adensamento teórico. É ela toda o mais

externo que percorre a pele e o mais gélido que povoa as carnes: os tempos da banalidade do mal e do boçalismo do sentir.

A formação estética como pulmão do mundo é uma carta de intenções. Intento pela produção de docências em arte e com arte. Ter coragem de sentir, de enfrentar os efeitos nos limites de si e cuidar dos modos como criam-se relações com mundo. Defendo aqui que esses são alguns dos preceitos orientadores da constituição docente como feita de si.

E para essa defesa, não quero te explicar nada. Convenhamos, queride, ao lado de Brecht, estamos cansadas de explicar o óbvio! Eu gostaria, apenas, de fazer uso das minhas palavras – muitas delas adoecidas dos sentidos fabulados por mim, para uma formação que seja *feitura de si*. Isso, enquanto ainda posso erguer a minha voz e defender a formação estética como potência para o enfrentamento de pensamentos totalitários; e, por um ato de esperança, que igualmente é ato de cuidado, acreditar nas potências do cultivo. Cultivar a si mesmo, para que docências possam florescer. Esqueceram que somos sementes.

O GT 24 – Arte e Educação, na ANPED nos brinda com uma série de pesquisas que se dedicam às dimensões estéticas da formação humana. Saliendo Farina (2010, 2013), abordando as políticas do sensível; bem como, Zordan (2013), que vem conjugando filosofias da diferença à Arte/Educação; É preciso evidenciar a pesquisa de Loponte (2017, 2014, 2013), que atrela docências, arte e estética. Trabalhos de uma vida, de vida.

Ao lado das arte/educadoras que me precedem, gostaria de defender os preceitos de uma formação docente que seja da ordem ética-estética, pautada pelos aspectos políticos do imperativo ético do cuidado de si.

Deslocado da antiguidade greco-romana, o cuidado de *si* demandava uma série de exercícios, práticas e técnicas que tinham por objetivo elaborar um modo de vida centrado na auto-finalização do indivíduo, com vistas a formar uma cultura de *si*, baseada nas *artes da existência*, entendidas por Foucault (1984) como a produção de *si* mesmo como obra de arte, por meio da fixação de algumas regras de conduta, que permitiam a elaboração uma estilística da existência.

Essas relações consigo mesmo denotam que o indivíduo era convocado a um trabalho de intensificação de *si*: tornava-se o ser mesmo de um labor de *si*. Deveria constituir-se, então, como uma obra de arte. O indivíduo aqui é um artista de *si*. Compreendendo que o artista “deve ele próprio inventar a sucessão de posturas e gestos que lhe permitirão produzir” (BOURRIAUD, 2011, p. 11)

O cuidado de *si* vê-se em apuros na contemporaneidade. Fazer a defesa de uma instância formativa que se pautar pelo Antigo cuidado de *si* requer que tenhamos certas atitudes que não parecem estar presentes no nosso cotidiano: dar-se tempo, ouvir-se, meditar acerca das ações. Cultivar demoras e paragens, cultivar a escuta de si, cultivar a presença.

Grós (2013), desde a ética do cuidado de *si*, interroga: “minhas ações de hoje correspondem aos preceitos que me dei?” E, ainda, “que exercícios devo me impor a fim de conseguir chegar a uma correspondência mais perfeita?” (GRÓS, 2013, p. 134). Operando por anacronismos e considerando a urgência de nossos tempos, penso que esse ato parresiástico do cuidado de si encontra-se com Freire (2003, p. 61): “É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal

forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”.

Faço destas duas provocações uma premissa para habitar o hiato entre a palavra e a atitude na produção de um si docente. A distância se perfaz com trabalho, com a experimentação dos limites dessa. Perguntar-se como quem faz um exercício de cuidado e com a atitude de lançar-se em uma experimentação. Perguntar-se até que a atenção a *si* faça dobrar-se sobre *si*, com o cuidado de quem tem uma sensação a expressar e que não tenha outro material, que não a forma de *si* para expressar tal sensação. E que esta matéria possa ser a elaboração de uma docência com e por meio da arte. Ela mesma enquanto um gesto artístico.

Aqui se encontra *outrem*. Enfrentar o perfazer-se é político no momento em que compreendemos que nossas atuações no mundo se dão por meio dos modos como elaboramos aquilo nos chega e aquilo que isso produz em nós. Um saber docente proveniente de um saber de experiência (LARROSA, 2017).

Queride, é um problema de poros: Para quais afetos nossos corpos-docentes dão passagem? Somos membranas produzidas pelos regimes de nossas sensibilidades; Quais procedimentos em nós conjugam e se expressam por meio de um ethos/docência, de uma ação no mundo, os dois pontos do hiato palavra-atitude?

*Nutrição estética* (MARTINS; PICOSQUE, 2012): abastecimento dos sentidos, labor da sensibilidade. Não apenas pela constituição de repertório para trabalho pedagógico. Fusari e Ferraz (2010) nos deixam um legado: para ser docente de arte é preciso saber arte, mas igualmente necessário saber ser docente em arte. Para além da didática do ensino das artes – dimensão necessária e também política na formação de Arte/Educadores/as –, é necessário cuidar dos modos como o mundo produz efeitos em nós. Dos saberes da experiência provenientes do corpo, no contato com o mundo e das relações que somos capazes de produzir em meio ao mundo. E isso trata-se de uma forma de cultivo do cuidado de si, de cuidar daquilo que chega e que se produz em mim.

O contato com a experiência artística nos presentifica, nos faz acionar as membranas do sensível. Se produz nos limites de nós mesmos, nos interrogando sobre o modo como acolhemos as diferenças produzidas em nós e ao mesmo tempo. Esse é um [com]tato, porque toca a carne e faz do corpo o lugar da experiência e produção de si: *O senhor de si sabe que tem um corpo* (ONFRAY, 2014). É essa a matéria da docência que faz valer o preceito ético inspirado por Freire: palavra e atitude são a mesma coisa. Um ethos de presença.

Uma educação estética contemporânea demanda um vínculo, uma aproximação que requer presença. O desafio da educação estética é fazer com que a arte deixe de ser uma disciplina do currículo e se torne algo incorporado à vida do sujeito, que o faça buscar a presença da arte como uma necessidade e um prazer, como fruição ou como produção, porque em ambas a arte promove a experiência criadora de sensibilização (MEIRA, 1999, p. 131).

Trata-se de um exercício ético que inspira não uma anestesia de *si*, não uma renúncia de *si*, mas uma atitude de *aísthesis* consigo mesmo: uma forma que se experimenta a partir da atenção consigo mesmo, da percepção de *si*; uma forma que se inquieta no encontro com o mundo, ocupa-se de seus afectos, de suas potências, cuida do seu corpo. Cuida do seu corpo, sobretudo, como membrana estésica, o

compreendendo como superfície de *si*, na qual uma experimentação de *si* é possível.

Para Bourriaud (2011), o artista é um transformador de energias. A docência, um modo de captura de forças. Um *si* docente, que se produz por feitura de *si*, toma do mundo, toma da arte suas matérias, seus procedimentos, sua potência de produção de diferença. Vertemos um ethos/docência.

Com Freire (2003, p. 105) aprendemos que “ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas.” Autonomia é experimentação de *si*, mas experimentação em meio ao mundo, com outrem. Ela não é dada, enquanto condição vertical em um processo de formação, mas construída, exercitada, laborada no *si* e experimentada em meio ao mundo. Trata-se de tomar posse dos meios de produção de *si* mesmo, encontrando procedimentos que convertam o agir no mundo em uma ética-estética.

E a arte, queride, nos chama. A minha coragem reside em refazer a pergunta já feita: afinal, o que pode a arte? No que tange à constituição de docências, te respondo fazendo um convite: a pensemos enquanto prática de liberdade. Conjugada a elaboração de ethos/docência, chamo novamente Foucault (2014, p. 260): “o que é a ética senão a prática da liberdade, a prática refletida da liberdade?” e, continua, “[...] a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade”. Enquanto feitura de *si*, a prática de liberdade no constituir-se docente coincidi com a experimentação: “a liberdade é da ordem dos ensaios, das experiências, dos inventos, tentados pelos próprios sujeitos que, tomando a *si* mesmos como prova, inventarão seus próprios destinos” (SOUSA FILHO, 2008, p. 16).

Eu chego ao fim. Um fim que é todo ele inacabamento. Formar-se pela linha artista e política do cuidado de *si* como cuidado de outrem, por meio de uma poética docente, funda uma práxis de *si*, que inspira a fabulação de procedimentos para laborar a *si* mesmo e uma atitude de reflexionar acerca daquilo que se produz enquanto limites da forma de *si*. A poética é ato de respirar. Enche-se do fora; produz no corpo uma condição de viver; retorna ao fora. Para que haja a vida é necessário o ar. Em nossos corpos, antes, é necessário que cultivemos nossa capacidade de ampliar a caixa torácica e a encolher. Recolher. Recolher-se em *si*, para poder nos encontrar com o mundo. Senão da melhor forma, mas que, ao menos, seja de forma franca... o que implica que seja, igualmente, de forma autônoma.

E no encontro com uma proposição que seja ética-estética, cuidar de *si* é uma ousadia. Cuidar de *si* é um ato revolucionário (CASTELLO-BRANCO, 2009). Esta carta de intenções te pede uma ousadia. Ela te pede e ao mesmo tempo tenta te possibilitar forças. Essa carta é uma convocação. Muito menos um arranjo conceitual, muito mais um vórtice de forças. Temos uma luta. Que a façamos com os patoás da arte em nossos peitos.

Queride, tenhas coragem dos teus poros na tua docência; tenha coragem das tuas feitura. Cuida de ti. Sejamos os pulmões do mundo. Era isso, afinal, que eu queria te dizer.

Um abraço.

## Referências

BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida**. A arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FARINA, Cynthia. **Formação continuada e estética do descontínuo. Arte contemporânea e professoras de arte**. 33ª Reunião Nacional ANPED, 2010.  
Disponível em:

<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20P6345--Int.pdf>

FARINA, Cynthia. **As sensibilidades dos saberes. Ou, as condições do sensível na formulação e expressão de nossos saberes**. 36ª Reunião Nacional ANPED, 2013.

Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/sensibilidades-dos-saberes-ou-condicoes-do-sensivel-na-formulacao-e-expressao-de>

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume V: Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GRÓS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. IN: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LARROSA, Jorge Bondía. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: 2017.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO**, v. 22, p. 429-452, 2017

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência. **EDUCAÇÃO E FILOSOFIA** (UFU. IMPRESSO), v. 28, p. 643-658, 2014;

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte para a docência: estética e criação na formação docente. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives**, v. 21, p. 1-22, 2013.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MEIRA, Marly. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. IN: PILLAR, Analice Dutra (org.). **Educação do Olhar no Ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

ONFRAY, Michel. **A sabedoria trágica: sobre o bom uso de Nietzsche**. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

SOUSA FILHO, Alípio. Foucault: o cuidado de si e a liberdade é uma agonística.  
ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUSA FILHO, Alípio (org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: autêntica, 2008.

ZORDAN, Paola. **POR POÉTICAS NO ENSINO DAS ARTES: uma sintomatologia**. 36ª Reunião Nacional da ANPED, 36ª, 2013 – Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/182-trabalhos-gt24-educacao-e-arte>